

HISTÓRIAS DE VIDA NA GRANDE REPORTAGEM: UM ENCONTRO ENTRE JORNALISMO E HISTÓRIA ORAL

HISTORY OF LIFE IN THE BIG REPORT: AN ENCOUNTER BETWEEN JOURNALISM AND ORAL HISTORY

MARLI DOS SANTOS

Jornalista, publicitária, mestre em Comunicação Social pela Umesp e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. É professora titular do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Metodista de São Paulo e professora convidada do Programa de Lato Sensu em Comunicação Jornalística da PUC-SP.

RESUMO

A grande reportagem é a essência do jornalismo. Nela os profissionais apresentam novos significados, novos contextos, novos olhares para fatos que permeiam o cotidiano, desde os grandes acontecimentos aos assuntos comuns. A grande reportagem permite liberdades que não são possíveis vivenciar no jornalismo diário, que é ligeiro e apressado. Um dos aspectos mais atrativos desse gênero jornalístico são as histórias de vida. Personagens do cotidiano que se tornam épicos pelo sofrimento, pela grandeza, pela alegria. Nesse momento o jornalismo se encontra com a história oral. Tanto um, quanto o outro, revelam nos relatos das pessoas o verdadeiro sentido da vida. Na grande reportagem as técnicas de coleta de informações, como a entrevista de compreensão, assemelham-se às da história oral. Portanto, este trabalho aponta as aproximações entre a história oral e a grande reportagem, enfocando a questão do tempo e dos métodos de investigação.

Palavras-chave: Jornalismo – História oral - Grande reportagem – Entrevista de compreensão

ABSTRACT

The big report is the essence of journalism. Here the professionals presents new meanings, new contexts, new looks for facts that permeate daily life, from large events to common issues. The big report allows freedoms that are not possible in daily journalism experience, which is fast and precipitate. One of the most compelling aspects of this journalistic genre are the stories of life. Characters that become everyday epics by suffering, by the grandeur, the joy. At that point the journalism meets oral history. As one, as the other, the reports show people the true meaning of life. In the big story techniques for gathering information such as interviews of understanding, similar to the oral history. Therefore, this study highlights the similarities between oral history and great story, focusing on the issue of time and research methods.

Keywords: Journalism - Oral History - big report - Interview of understanding

Passado e presente

Do ponto de vista da ciência, o jornalismo está no campo da comunicação. Mas Otto Groth¹, em meados da primeira metade do século passado, sequer cogitava uma ciência da comunicação. O cientista, discípulo de Weber, estudou durante décadas jornais e revistas, para identificar a natureza do fenômeno jornalístico e prová-lo como ciência independente. Chegou a quatro “leis”, também chamadas de conceitos fundantes: atualidade, universalidade, periodicidade e difusão. A atualidade (tempo) e a universalidade (assunto) são características de conteúdo, enquanto periodicidade e difusão são características de forma, porém, todas são interdependentes segundo o pesquisador.

A contribuição importante de Groth é referenciada até hoje: não há na cultura jornalística estudo que questione as conclusões do pesquisador sobre as características do jornalismo. Em “La ciencia periodística”, de Belau (1966), o sociólogo conclui que o jornalismo é uma ciência de obras culturais, uma ciência cultural.

Nos conceitos fundantes de Otto Groth, a atualidade - considerando-a uma relação fora do tempo - expressa a relação de dois pontos no tempo. É a característica que marca fundamentalmente o jornalismo. Nesses tempos em que se conjuga o presente mais que perfeito, com o rompimento da barreira tempo/espaço por causa da internet, o atual tem sido preponderante - para Groth, o atual é real mais presente; é um problema do dia, novo.

Porém, apesar da urgência do presente, não é tão simples assim

pensar em jornalismo como o contrário do passado, ou da história. Primeiro porque o produto do jornalismo - o jornal, a revista - torna-se fonte de consulta para historiadores, por revelar pistas de acontecimentos ou do cotidiano de uma determinada sociedade em um determinado tempo histórico. As matérias jornalísticas constituem-se em documentos para ajudar a desvelar o passado e a estabelecer nexos com os fatos do presente. Segundo porque o jornalismo, para desvendar o presente, precisa do passado: na memória das fontes, na contextualização dos fatos. E de acordo com Chaparro (1994), o discurso é resultante de diversos acordos e conflitos entre falantes/ouvintes e ouvintes/falantes, no qual se busca uma estética da veracidade, por meio da atribuição de significados à realidade. Baccega (1995) corrobora a questão do tempo passado e presente no jornalismo quando afirma que o mesmo é discurso da história: “o termo história, em português, tanto conota aquilo que se diz - o discurso - como aquilo que se passou ou está se passando - o fato” (1995, p. 65). Em terceiro, porque a ação do pesquisador em atribuir nexos e valores a este ou àquele fato, por si só desmonta a noção de objetividade da qual os investigadores das ciências humanas e sociais ainda se ressentem. Diz Baccega sobre o historiador:

[...] um indivíduo/sujeito que estuda o processo histórico, o pesquisador - afinal, é ele quem vai atribuir relevância aos fatos -, por outro lado, não podemos esquecer que o papel que ele desempenha não é resultado de uma postura individual: ele pró-

1 Otto Groth nasceu em 1883 na Alsácia, Alemanha, e morreu em 1965. Dedicou sua vida ao estudo e à prática do jornalismo. Entre os anos 1928-1930 lançou dois tomos de uma enciclopédia sobre a Ciência do Jornalismo, com o sétimo volume divulgado após a sua morte.

prio é resultado de um contexto histórico, formado em uma determinada corrente teórica, preso a uma formação ideológica, limitado pela formação discursiva da ciência histórica (BACCEGA, 1995, p. 69).

Tal qual o historiador, o jornalista é o profissional da imprensa que seleciona os fatos que acontecem no mundo a partir de critérios de valoração, conforme uma complexa interação entre fontes, formas de captação de dados, e mais que isso, sob as influências do contexto histórico, social, político e cultural em que vive. O jornalismo, então, vive e sobrevive nessa rede de fios do passado e do presente, para tecer a narrativa da contemporaneidade, no dever de estar sempre ligado ao vetor da ética.

Como a história e a história oral

De acordo com Girardi Jr. (2005), há uma disputa entre as narrativas para se ganhar legitimidade:

[...] é uma luta pelo estabelecimento de narrativas consideradas mais legítimas que outras, seja no campo literário, acadêmico ou jornalístico. Enquanto o historiador concentra-se no processo de representação e reconstrução seletiva e interpretação do passado, por meio da seleção, interpretação e hierarquização das informações e dados (como aqueles encontrados em jornais da época, por exemplo), ao jornalista cabe a seleção e hierarquização do que deve ser notícia no presente

(embora esteja crescendo o número de jornalistas que trabalham com a reconstrução e interpretação de acontecimentos passados). Esse ato garante ao jornal o poder de fixar no presente a memória do acontecimento, uma construção seletiva do cotidiano que poderá ser recuperada no futuro.

Já a pesquisadora Marialva Barboza (1995) conclui em seu artigo “Jornalistas, senhores da memória?” que a mídia é a única guardiã da “memória válida da sociedade” (1995), pelo poder de “lembrar” e “esquecer” temas, de acordo com interesses ideológicos.

As reflexões de Barboza a respeito do jornalismo e de seus profissionais como “senhores da memória”, referem-se primeiro ao papel de selecionar, dar destaque – às vezes espetacularizar – e “esquecer” fatos e assuntos pertinentes à sociedade; ao dar relevância a certos assuntos, o jornalismo “cria” uma ordenação da realidade, um “amontoado de fatos desconexos”, que interferem na visão de mundo das pessoas; terceiro, ao dar realce a determinados fatos cria a ilusão de participação do público sobre assuntos contemporâneos, transforma fatos em acontecimentos via “publicização”; valoriza as instituições hegemônicas e a marginalização de outros grupos.

A considerar todo esse poder, estaríamos reféns do jornalismo e da mídia? Seria simplificar o processo histórico. Há uma dose excessiva de determinismo na visão sobre a influência da grande mídia. A sociedade engendra novas possibilidades. A internet é uma delas. Apesar de ainda haver

2 A expressão “senhores da memória” foi criada por Jacques Le Goff, em 1984.

3 Durante as eleições no Irã em 2009 várias imagens e informações não oficiais sobre os conflitos ocorridos devido à reeleição de Mahmoud Ahmadinejad foram divulgadas pela internet. Diz o colunista Rafael Pereira, da revista Época (www.colunas.epoca.globo.com): “As eleições presidenciais no Irã são um marco histórico nas possibilidades das mídias sociais em coberturas jornalísticas importantes. A vitória de Mahmoud Ahmadinejad sobre o candidato de esquerda Mir-Houssein Mousavi inflamou o país e até alguns lugares do mundo. Protestos violentos, acusações de fraude e prisões arbitrárias... Está tendo de tudo. E nenhum lugar se mostra melhor do que Twitter, blogs e outras mídias como YouTube (vídeos) e Flickr (fotos) para acompanhar os fatos no momento em que acontecem. Os grandes sites de notícia do mundo tiveram que correr atrás. Mesmo os que se saem bem, como o The New York Times, tiveram a nata da cobertura pelos canais oficiais que mantêm no Twitter. Ao mesmo tempo que a cobertura informal faz sucesso, um dos mícos mais comentados é a da cobertura da gigante CNN. Pouca coisa é mais postada no Twitter do que a palavra-chave CNNFail, que diz respeito a esse míco. Perde para IranElection, o que é um sinal do banho. Ao que parece, eles pararam de dar importância à notícia quando foi confirmada a reeleição do atual presidente. Pressionados, voltaram atrás...”

4 A TV Al-Jazira surgiu em 1996, emissora por satélite, cuja sede é na capital do Catar, Doha. Mostra os fatos ocorridos no mundo árabe, segundo ótica não-hegemônica.

5 Um dos autores pioneiros do Novo Jornalismo foi o americano Tom Wolfe, “apelidado de ‘o Balzac da avenida Park’”. Sua rica produção, colada na realidade

grande exclusão digital, não são poucos os exemplos de temas e assuntos pautados pelas redes sociais: as informações dos conflitos nas eleições do Irã³; as notícias da emissora Al Jazira⁴. O jornalismo e a sociedade observam e vivem exemplos de assuntos que não são única e exclusivamente pautados pela grande imprensa.

Ficção e realidade

Mas e a arte, a ficção, em que medida contribuem para o discurso jornalístico? As relações entre jornalismo e literatura são muitas. Desde o conteúdo aos protagonistas, o jornalismo flerta com a literatura. Os primeiros folhetins são veiculados nos jornais, ainda no século 19, como forma de disseminar a produção de autores e conquistar novos leitores. Os primeiros jornalistas são escritores, que recorrem ao jornalismo como forma de sobrevivência e de visibilidade. No mesmo século, o movimento literário denominado realismo social se ocupa de relatar os fatos, acompanhar o cotidiano, elucidar o que ocorre em uma sociedade em transformação, que se urbaniza, se industrializa, se moderniza, provocando efeitos sobre os indivíduos e grupos sociais. Mark Twain (1835-1910), Dostoiévski (1821-1881) e Tolstói (1828-1910) influenciaram escritores/jornalistas, como o norte-americano Ernest Hemingway (1889-1961). É nesse momento, início do século 20, que a reportagem surge e se consagra como essência do jornalismo (LIMA, 2004).

Mais tarde, as transformações das décadas de 1960 - a contracultura, a guerra fria, a guerra entre EUA e Vietnã, os movimentos

sociais feministas e dos negros, e as ditaduras militares na América Latina - fizeram surgir o *New Journalism*, o qual se apropriava da estética e da técnica da literatura para mergulhar e narrar a realidade. O movimento surgido nos EUA⁵ também chegou ao Brasil e se consolidou na revista *Realidade* e no *Jornal da Tarde*. Jornalistas buscavam na literatura fontes de inspiração, modos de coletar e relatar o real (LIMA, 2004).

As heranças do jornalismo estão presentes em algumas grandes reportagens publicadas em grandes veículos de comunicação, como em jornais, em revistas, em linguagem impressa, vídeo e áudio, e em livro-reportagem.

Narrativa do presente

A reportagem, ou a grande reportagem, é uma das narrativas do presente. Como narrativa ela se insere no campo dos gêneros jornalísticos.

Porém, antes mesmo de definir a reportagem como gênero jornalístico, é preciso recorrer a Bakhtin (1992), para entender a natureza do discurso jornalístico. O autor elabora uma das primeiras definições de gêneros midiáticos, os quais, segundo ele, estão em um plano diferente dos gêneros primários, relativos à ação comunicativa cotidiana das pessoas. Os gêneros midiáticos são secundários, resultantes de diversas mediações.

Tendo em vista ser um gênero midiático resultante de mediações, o jornalismo embute em seu discurso diversas vozes, é polifônico. Estas vozes aparecem tanto

na narrativa quanto no comentário jornalístico, uma vez que gêneros não se dividem, nem se excluem, de acordo com Chaparro (2000). Então, o modelo informação versus opinião, utilizado por alguns autores⁶ como referência para uma classificação de gêneros é questionado na medida em que se leva em consideração a teoria de Bakhtin e a de Chaparro.

Para Chaparro, gêneros jornalísticos são “horizontes de expectativas para os leitores” e modelos de escrita para jornalistas. O pesquisador ancora a sua teoria nas ciências da linguagem, especialmente na pragmática, para criar uma classificação baseada em formas de texto e intenções.

Neste artigo as ideias de Chaparro são adotadas por uma questão de coerência teórica. Para o pesquisador, os gêneros se distinguem em formatos, são resultantes de interações entre jornalistas e fontes e o ambiente que os cerca, e podem ser classificados em “Relato” e “Comentário”. O relato se divide em espécies narrativas e práticas, o comentário em argumentativas e gráfico-artistas. Como a reportagem se enquadra em relato, espécie narrativa, destaco sua definição:

***Reportagem:** relato jornalístico que expande a notícia, para desvendamentos ou explicações que tornam mais ampla atribuição de significados a acontecimentos ocorridos ou em processo de ocorrência. Nesse sentido, desvenda contextos, situações, falas, fatos, atos, saberes e serviços que alteram, definem, explicam ou questionam a atualidade (CHAPARRO, 2000, p.125).*

Como gênero, a reportagem é um relato que se dá por “desvendamentos ou explicações”. É no compromisso com o interesse público e com a democracia - pois o jornalismo é a “linguagem dos conflitos” (CHAPARRO, 2001), propiciando o confronto de opiniões - que o discurso se constrói, provocando efeitos organizativos, desorganizativos ou reorganizativos na sociedade.

Liberdades

No processo de expansão do fato, a reportagem pode se aprofundar mais ou menos, de acordo com a estratégia editorial, a qual passa por diversos filtros, e a competência do jornalista, ao investigar e narrar os fatos de diversas naturezas e implicações na sociedade. “A arte de tecer o presente” como Medina (2003) qualifica o trabalho do repórter, é o resultado de complexas operações no planejamento, na captação da informação e no discurso elaborado.

No jornalismo diário dos jornais, do rádio, da TV, da internet, mais conhecido como “*hard news*”, as reportagens estão presas ao fato do dia, ou seja, o foco é dar a informação mais quente possível, em alguns casos o “furo jornalístico”, antes de outros veículos de comunicação. O enfoque e as fontes estão limitados pela velocidade da difusão da informação. O modelo de produção industrial da notícia, a concorrência e as novas tecnologias impõem um ritmo alucinante, reduzindo o tempo da apuração da informação e, como consequência, a diversidade, a problema-

e ao mesmo tempo recheada de técnicas literárias, mostrava a complexidade dos fatos com maestria, agregando ao jornalismo um valor estético, um valor artístico. Grande feito que também experimentou dissabores, após “excessos” cometidos por alguns jornalistas, os quais extrapolaram a realidade misturando ficção aos fatos. (...) Nas reportagens abordavam-se “histórias de interesse humano”, as famosas pautas frias, que eram discriminadas pelos colegas do “furo”, favorecendo a exposição de estilos. Wolfe estava entre eles, e assim descobriu que o jornalismo poderia ser lido como romance. (SANTOS, 2004)

6 Um dos estudos mais referendados sobre gêneros jornalísticos é o de José Marques de Melo, o qual utiliza o modelo anglo-saxão de gêneros, em “A opinião no Jornalismo Brasileiro” (Petrópolis: Vozes, 1985), para criar uma classificação de gêneros no jornalismo brasileiro. A divisão é herança de Samuel Buckley, diretor do jornal The Daily Courant, primeiro jornal diário a dividir opinião de informação. A façanha realizada em 1702 não obteve êxito, pois nesse período o jornalismo idealista era preponderante e disseminava as ideias iluministas e liberais. Para saber mais sobre o assunto, ler Sotaques d’ aquíém e d’ além mar (CHAPARRO, 2000).

tização de questões, a contextualização do fato.

Já nas grandes reportagens, publicadas como matérias especiais em diversos veículos de comunicação, ou mesmo em livros, o procedimento de “expansão” inicia na pauta. Diz Lima (2004) que na pauta da grande reportagem diversas liberdades podem ser praticadas: “liberdade temática” (liberta o jornalista da ditadura cotidiana do *hard news* e do sensacionalismo), “liberdade de angulação”⁷ (tanto os filtros na redação quanto o tempo limitam a angulação; na grande-reportagem a pesquisa maior permite explorar outras possibilidades de angulação, em vez das convencionais), “liberdade de fontes” (não somente às institucionais), “liberdade temporal” (passa-se do urgente para o contemporâneo), “liberdade de propósito” (de resgatar, discutir, refletir sobre algum acontecimento do presente e do passado). Com essas características, o eixo da abordagem na grande reportagem extrapola o fato, penetrando em questões e situações mais perenes, presentes no contexto. Os objetivos da pauta só podem ser encontrados no “universo do assunto”, ou seja, em função dos problemas (conflitos) (CHAPARRO, 2001).

Flertes

Com todas essas liberdades na pauta, o jornalismo na grande reportagem se torna fértil para os desvendamentos e revelações do cotidiano, para mostrar as diversas vozes, os diversos saberes, as diversas realidades, os diversos grupos e suas identidades, as histórias de vida.

Tendo em vista esse procedimento da pauta como “extensão da reportagem”, o próximo passo é sair a campo, para a coleta de informações. São os métodos de captação que aproximam o jornalista da história oral, especialmente na entrevista de compreensão, a qual capta histórias de vida – memórias de pessoas, de grupos.

A história oral possui procedimentos metodológicos para a construção do conhecimento de seu objeto - a memória e a identidade -, os quais ao se tornarem documentos históricos revelam também diversas vozes, pois captam a história em movimento. Esse movimento presente na memória dos “colaboradores” ajuda a identificar o processo histórico em plena construção: sua dinâmica com o presente (MEIHY, 2007).

É esse movimento, é essa construção que interessa especialmente à grande reportagem. E para isso, o jornalista deve ter alguns procedimentos metodológicos os quais dialogam com o preparo e a realização da entrevista, a textualização e a transcrição em história oral.

Entrevista de compreensão

Segundo Lima (2004), uma das técnicas mais utilizadas no campo da grande reportagem é a “entrevista de compreensão”. Para a sua realização, o jornalista não deve se prender a roteiros, pois a riqueza informativa ocorre nas sutilezas dos gestos, no tom da voz, nas expressões, revelações que surgem conforme a “conversa” vai avançando. Para isso, o jornalista deve buscar

uma empatia com o seu entrevistado, de modo que ele se sinta à vontade para revelar sua história.

O jornalista Klester Cavalcanti, ganhador do Prêmio Jabuti em 2005 com o livro-reportagem “Viúvas da Terra”⁸, em entrevista à autora deste artigo revelou sua estratégia de aproximação da fonte e de entrevista. O repórter disse que primeiramente teve de conquistar a confiança dessas viúvas, pois o fato de ser um jornalista poderia colocar em risco as suas vidas e de seus filhos. O primeiro contato era feito por meio do líder da comunidade, que acompanhava o repórter na casa dessas mulheres. Uma primeira conversa, para apresentar o projeto do livro, e depois algumas visitas, para a realização das entrevistas com a família.

O procedimento de gravar as entrevistas é recomendável nesses casos, para não se perder detalhes das informações. No clássico “A sangue frio”⁹, o autor Truman Capote, diz que não gravou as entrevistas porque sua capacidade de memorizar as informações era muito grande. Mas fazia anotações sobre “intercorrências” e pontos a serem explorados em seu trabalho investigativo.

De acordo com Lima (2004), a entrevista na grande reportagem, especialmente a publicada em livro-reportagem,

[...] desponta como uma forma de expressão em si, dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há pauta

castrando a criatividade. Em muitas ocasiões, surge o painel de multivozes e o repórter, o autor; é apenas um sutil maestro [...] (LIMA, 2004, p. 107).

O autor revela, citando Buitoni, que as entrevistas de compreensão podem ser classificadas em subgêneros: conceitual, enquete, investigativa, confrontação-polemização e perfil humanizado. Esta última propõe uma compreensão ampla do entrevistado, englobando a história de vida, valores e comportamentos.

Ressalta-se que no uso da entrevista de compreensão, a preocupação do jornalista é com a fonte individualizada. Não há preocupação com amostras, ou qualquer procedimento científico.

Subjetividades

Na realização da entrevista de compreensão, na qual os roteiros são mal-vistos porque engessam a percepção do jornalista e limitam o espaço do entrevistado, a subjetividade é ressaltada por Medina:

Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente, faz-se presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar em limites de um questionário fechado, de uma cronologia rígida, de uma presentificação radical, uma personagem que ultrapassa esses ditames? O diálogo possível, se acontecer, já encontraria esta fórmula. O entrevistado passeia em atalhos, mergulha e afloira, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço (apud LIMA, p. 97).

8 O livro denuncia o extermínio de trabalhadores rurais no Pará, por causa do conflito agrário entre agricultores e fazendeiros. O jornalista narra seis histórias de viúvas que tiveram seus maridos assassinados em decorrência desses conflitos.

9 Considerado o primeiro livro-reportagem, “A sangue frio” se tornou referência para os estudiosos do jornalismo literário. A obra aborda o assassinato de uma família em uma pacata cidade no Kansas, EUA, que acabou mobilizando toda a população. Capote, ao realizar o seu trabalho, não tinha intenção de escrever um livro-reportagem, e sim de criar um novo gênero literário, um romance de não-ficção.

Essa aproximação do repórter com a fonte gera muitos questionamentos, tanto no campo profissional quanto acadêmico. Recentemente, durante a produção de um livro-reportagem sobre a loucura, em que a opção dos autores foi revelar histórias de vida de diversos personagens tidos como “loucos”, dentro e fora de instituições, um dos questionamentos principais foi: “Como poderemos comprovar se a história contada é verdadeira ou falsa?”. “Não importa”, respondi. Os autores não entenderam muito bem, pois estavam acostumados ao jornalismo ligeiro do dia a dia, no qual o mito da objetividade é uma cobrança constante. Confia-se mais na opinião de fontes “normais”, especializadas e oficiais, sobre um assunto, que na história de vida de um sujeito comum, à margem da sociedade.

Além das entrevistas, no processo da apuração correta das informações, que garante a credibilidade do discurso jornalístico, o cruzamento de dados documentais e outras técnicas investigativas são utilizados com o intuito de se chegar à verdade do fato (ou, mais adequadamente, a uma das verdades possíveis). Para tanto, a cultura jornalística, ideologicamente marcada pela objetividade, prega um comportamento imparcial, neutro, de não proximidade com as fontes. Nelson Rodrigues apelidou esses jornalistas de “idiotas da objetividade”. Daí, na cabeça desses profissionais, que as histórias de vida servem mais para ilustrar uma narrativa que propriamente revelar as contradições e as problemáticas cotidianas.

Como no jornalismo, os crí-

ticos da história oral argumentam a subjetividade presente nas histórias de vida, a imprecisão causada por uma “falha de memória”, a omissão ou a mentira dessas fontes, valorizando mais os documentos escritos.

Essa valorização da escrita, em detrimento dos relatos orais, conforme Carr (apud MEIHY, 2009), caracteriza o “fetichismo” do documento escrito na nossa sociedade: “[...] nenhum documento pode nos dizer mais do que aquilo que o autor pensava – o que ele pensava que havia acontecido queria que os outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar [...]”.

Mais adiante, Meihy (2009) se refere aos relatos orais como possibilidades de desvelar as diversas contradições, como a de trabalhadores no espaço urbano: saúde, moradia, violência, desemprego.

Isto consiste em compreender como estes trabalhadores vivem conflitos alimentados pela dinâmica das cidades, ou em outros termos: como resistem e/ou sujeitam-se, acomodam-se e/ou buscam alternativas de vida. A história oral tem como elemento de composição a possibilidade de aproximação da realidade das pessoas, assim como tem a capacidade de se transmutar em ciência e arte do indivíduo. (MEIHY, 2009)

Como narrativa da atualidade, o jornalismo também se preocupa com a aproximação da realidade, as histórias de vida falam muito mais que as estatísticas. Disse o repórter Marcelo Rezende, por

ocasião de uma de suas reportagens especiais sobre o desemprego, veiculada no *Jornal Nacional* de 9 de fevereiro de 1998:

(grifo do autor) Por opção, estou inevitavelmente no contra-fluxo desse jornalismo fascinado pelos números. Não entendo como é possível alguém ficar estupefato com índices estatísticos que nem sabem se são verdadeiros, e não perceber que eles escondem muito mais do que revelam. Por trás desses números de desemprego estão pessoas com nomes e dramas. Enquanto todos olham para os números, é meu dever descobrir os dramas das pessoas representadas nos índices e desvendar as suas histórias (*Apud CHAPARRO, 2001, p. 177*).

A memória recriada é um processo constante de atribuição de significados, não para o passado, mas para o presente, o que, em última instância, significa lidar, de forma indissociável, com a relação passado/presente.

Textualização

A transcrição, a textualização e a transcrição constituem os procedimentos metodológicos para que o relato oral se transforme em documento histórico. Na primeira, há a escrita literal rigorosa, com registros gráficos do que se percebe além da fala do entrevistado; depois, a textualização requer a incorporação das questões formuladas pelo pesquisador à fala do entrevistado, como também uma espécie de “edição¹⁰”, na qual se evitam os vícios da linguagem oral e se

eliminam informações incompletas, além de se identificar por meio de sinais numéricos os assuntos abordados. Na última fase, a transcrição, uma espécie de “edição final”, na qual os tópicos são ordenados, trechos serão suprimidos, alterados ou acrescentados, para que o conteúdo transmita “algo implícito na entrevista, mas não explícito nas palavras” (MEIHY, 2009). É importante frisar que esse procedimento, inspirado em “dois conceitos da lingüística” indissociáveis: o de transcrição e o de teatro da linguagem, permite a passagem ao texto das expressões não-verbais.

Ao final, ainda na fase de transcrição, é preciso validar o texto com os entrevistados, como procedimento ético e para evitar problemas jurídicos. Nesse momento o “colaborador” pode ou não fazer alterações, de acordo com a sua avaliação e eventual negociação, em casos de o colaborador se “arrepender” de algumas informações ditas. O importante é que ele se reconheça no texto, isso garante a legitimidade do documento.

O trabalho da grande reportagem, a gravação da entrevista, em áudio e vídeo, dependendo da mídia (TV, rádio, jornal, revista, internet), recorre aos mesmos procedimentos, com a diferença que o jornalista não faz ciência e nem quer transformar o relato oral em documento histórico, e sim em produto jornalístico. Além disso, não se trata apenas de um relato, na grande reportagem muitas vezes há vários relatos que se somam, se multiplicam, se complementam. A partir deles surge uma outra narrativa:

10 Segundo Barbeiro e Lima (2003, Apud SANTUARIO, IN: FILLIPI, SOTER, PICCININ, 2006, p. 97), “edição é a forma de se construir de maneira mais organizada uma reportagem ou uma seqüência de sonoras capazes de relatar um fato jornalístico. As edições devem ser enxutas, ricas em conteúdo e didáticas para que o ouvinte saiba do que está se falando. Cabe, portanto, ao editor, o papel de ‘filtro’ do produto jornalístico, aquele que se torna o responsável final pelas reportagens ...”

a da grande reportagem – também repleta de subjetividades do jornalista.

Arrisco-me a dizer que o jornalista, em seu compromisso ético de garantir a presença de diversas histórias, faz um trabalho de transcrição estendida, no qual as vozes, em confronto, em conflito, em acordo, são expostas para o desvendamento da contemporaneidade. Na narrativa jornalística o jornalista conta a história do cotidiano, a partir do conhecimento prévio que tem sobre o assunto, de sua cultura e da apuração do fato – entrevistas, documentos e observação direta. Importante novamente enfatizar que o relato jornalístico também é válido como documento histórico.

De outro lado, o da história oral, a transcrição deve ser vista como um processo de representação cultural na qual o historiador também é autor. Os relatos são interpretados e representados por meio de uma narrativa, cuja autoria deve ser “explicitada”. Então, como diz Meihy, o “embelezamento” do texto da história oral perde a conotação de falso, e sim, sugere “parcialidades das verdades culturais e históricas”. Na ciência, no jornalismo ou na arte, é razoável admitir que tanto o jornalista quanto o historiador e o escritor estão inscritos na “natureza artificial, construída, de qualquer contar cultural” (MEIHY, 2009).

Apesar das aproximações entre procedimentos metodológicos da história oral com o fazer jornalístico, há um distanciamento na última fase do processo, quando o historiador deve confirmar e legitimar com seu colaborador o do-

cumento histórico. Esse não é um procedimento recomendado ao jornalista. Há, como se diz, uma autonomia (quem sabe uma primazia ou arrogância) do jornalista sobre o colaborador ou fonte.

Embora não seja exceção observar conflitos entre fontes e jornalistas, o repórter tem a responsabilidade de garantir a veracidade das informações, procedimento orientado pela ética profissional. Em algumas situações, o repórter manda a matéria jornalística antes de ser publicada à fonte principal, por ser um acordo prévio, por afinidade com a fonte, ou mesmo para confirmar informações e nomenclaturas específicas, de modo a evitar erros.

Por fim, democracia

Há vários outros pontos a considerar sobre as interfaces entre jornalismo, grande reportagem e história oral. Por ora me dou por satisfeita com essa pequena e tímida investida e com o ganho pessoal e intelectual que tive. O resultado me permitiu conhecer um pouco melhor o campo da história oral como disciplina, e no que ela contribui para o melhorar o fazer jornalístico.

Especialmente chamou-me a atenção na história oral a humanização da história e a democratização das narrativas. A democracia também é um valor fundamental ao jornalismo, tanto que é impossível pensar em uma imprensa livre sem o exercício desse direito social: a liberdade de expressar opiniões. O jornalismo é essencial para revelar os desmandos, as mentiras, as desigualdades, as injustiças, e tam-

bém as belezas, as verdades, as diferenças. A ciência também. A arte idem.

Na história oral pude conhecer “um bom antídoto” (Meihy, 2009) à massificação, à desumanização; o valor dos relatos orais como construção historiográfica alternativa; a democratização da história por meio de relatos de minorias étnicas e sociais; a presença das narrativas do povo

contra a hegemonia da história institucionalizada, inclusive na América Latina e no Brasil, como a memória de torturados, de estudantes, de trabalhadores, enfim, de diversos segmentos sociais que constituem as sociedades marcadamente históricas.

No jornalismo, sobretudo na grande reportagem, essas realidades - múltiplas realidades - devem aflorar.

Referências

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 1995.

BARBOZA, Marialva. Senhores da memória. **INTERCOM/Revista Brasileira de Comunicação**. V. 28, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 84-101.

BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELAU, Angel Faus. **La ciência periodística de Otto Groth**. Pamplona, Espanha: Instituto de Periodismo de La Univesidad de Navarra, 1966.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **A pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Sotaques d' aquém e d' além mar**. Santarem, Portugal: Sortejo, 2000

_____. **Linguagem dos Conflitos**. Santarém, Portugal: Sortejo, 2001

GIRARDI JR, Liraúcio. **A reportagem como experiência etnográfica**. Disponível em www.facasper.com.br/jo/anuario. Acesso em dezembro de 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente – narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **NEHO-USP: quem somos e porque existimos.** Disponível em www.fflch.usp.br/dh/neho/apresentação.htm. Acesso em 1 de set. 2009.

SANTOS, Marli. Caríssimo Tom. **Estudos de Jornalismo e Relações Públicas**, São Paulo, v. 4, n. 8, 2004.

SANTUARIO, Marcos. **Edição em radio: ensinar é preciso, escolher não é preciso.** IN: FILLIPI, Ângela; SOTER, Demétrio A.; PICCININ, Fabiana. *Edição em Jornalismo*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

Data do Recebimento: 01/04/2009

Data do Aceite: 25/05/2009